

O BULLYING E O ENSINO-APRENDIZAGEM AGROPECUÁRIO: VIVÊNCIAS E COTIDIANIDADES

Paulo Alves de Oliveira; Raquel Martins Fernandes Mota; Waldinéia Lemes da Cruz Alves

Universidade de Cuiabá (Unic)/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), e-mail: ppgen@cba.ifmt.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), e-mail: raqueldejesus14@gmail.com

Resumo: Neste artigo são apresentados os relatos de experiência, vivências e as cotidianidades dos alunos e alunas do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Nível Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso *Campus* São Vicente (IFMT *Campus* São Vicente), com modalidade profissionalizante agropecuário na área de Ciências da Natureza e da terra. Esta é uma investigação que insere-se na atual temática do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT: “Violação dos Direitos Humanos e Bullying no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos”, aprovada no Comitê de Ética de Pesquisa com pessoas sob registro: CAAE 60165016.0.0000.5165. E o problema de pesquisa é a violência escolar, principalmente os vários tipos de *bullying*, entrelaçados com os relatos das vivências e as cotidianidades dos alunos e alunas no processo de ensino-aprendizagem agropecuário. O objetivo se desenvolve no diagnóstico das diversas formas de violação dos direitos humanos e do *bullying* no cotidiano e na vivência escolar. E a pergunta aberta utilizada para análise deste artigo foi “Você já sofreu ou viu alguém sofrer *bullying* na escola? Relate o ocorrido”. O aporte metodológico é o qualitativo por assim compreender que era o melhor caminho para captação dos fenômenos e subjetividades vividas. E utiliza-se como método de coleta de dados, o questionário eletrônico. Na etapa de coleta de dados, foram respondidos 150 questionários, com 19 perguntas semiestruturadas, com perguntas fechadas e abertas, e respondidas de forma anônimas por alunos e alunas, do primeiro período e do segundo período, do Curso Técnico em Agropecuária, no início do primeiro semestre de 2017/1. Percebeu-se que os fenômenos de violação de direitos e *bullying* apontam para uma sociedade desigual, e ao não-reconhecimento da diversidade no ambiente escolar, o que torna o *bullying* uma prática recorrente e comprometedora da qualidade de ensino.

Palavras-chave: *Bullying*; ensino; agropecuário; vivências; cotidianidades.

1 Introdução

As pesquisas sobre o *bullying* no cotidiano escolar e a Violação dos Direitos Humanos são recursivas nas temáticas de investigações científicas. E ambas têm tomado *corpus* como objetivo de investigações em diversas áreas como: na Educação, nas Ciências Sociais, no Direito e nas Políticas Públicas. E têm avançado no campo da Educação direcionado a questões como a cotidianidade escolar, a sociabilidade e a vivências dos alunos e alunas no processo de ensino-aprendizagem. Acrescenta-se que a recorrência do *bullying* não abrange apenas os espaços escolares das esferas públicas, mas também o privado.

O termo *bullying*, Silva (2010, p. 07), é ainda pouco conhecido pelo público em geral. É uma palavra de origem inglesa, e sem tradução específica no português, é utilizado para definir comportamentos agressivos, praticados no ambiente escolar. O termo *bullying* é classificado também como atos de violências, de teor físico ou não, com ocorrência intencionalmente, e de

forma repetitiva contra um ou mais alunos, e não apresentam motivações específicas ou justificáveis, e estes se encontram em situação de vulnerabilidade frente às agressões sofridas.

O *bullying*, explica Ribeiro *et. al.* (2016, p. 02), é um fenômeno que se confunde com a indisciplina, e passa a ser ignorado pelos profissionais da escola, devido à indisciplina ser uma prática até determinado ponto comum no cotidiano escolar, portanto, todas as questões que tornam o seu estudo relevante para reflexão de ações coletivas entre a gestão e a coordenação pedagógica, isto na superação da problemática tão real quando preocupante nas escolas.

A percepção da violência no meio escolar, Abromavay & Rua, (2002, p. 13), mudou o foco com o passar do tempo. Nas investigações iniciais as análises recaíam na violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos exercidos, por exemplo, através de punições e castigos corporais. Porém, na literatura contemporânea alguns estudiosos como: sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade como, por exemplo, vandalismo, e em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos.

No panorama da violação dos direitos humanos esta investigação restringe-se a cotidianidade, as suas vivências e as socialidades escolares. Quanto à violação dos direitos humanos e ao *bullying* no contexto da cotidianidade, às vivências e a sociabilidade no cotidiano escolar pode-se “destacar que pesquisas nesta área são importantes para compreendermos o fenômeno, e ao mesmo tempo propor propostas de empoderamento da juventude, em busca de solução destes conflitos surgidos no âmbito do convívio da contemporaneidade em seus processos de sociabilidade (OLIVEIRA *et. al.*, 2017, p. 02).

Neste aspecto, assim como as pesquisas sobre a violação dos direitos humanos e o *bullying* têm se configurado como campo fundamental na área da educação e do ensino-aprendizagem para o enfrentamento destas hostilidades no ambiente escolar, outros fatores como: cotidianidades, vivências e socialidade, também, tem tomado o campo educacional como objetos importantes para o desenvolvimento educacional e a erradicação destas violências que adentraram os portões das escolas.

É a partir da experiência dos fenômenos vividos como explica Maffesoli (1995, p. 63), que o vivido adquire mais importância do que aquilo que é reputado como nobre ou sério na constituição da vida social. E, com isso, “depois de terem sido desconsiderados, por muito tempo, expressões como ‘vida cotidiana’ ou ‘quotidiano’, elas parecem ter-se tornado uma espécie de *deus ex machine*,

e das quais se serve, a todo momento, quando não se sabe mais o que dizer” (MAFFESOLI, 1995, pp. 63-64).

Assim, nas pesquisas em educação e ensino-aprendizagem, não devemos desvalorizar o senso comum, ou o cotidiano e muito menos o vivenciado visto que a descrição e o próprio *status* de empiria destes não impede a cientificidade da pesquisa pelo contrário acrescenta de certa maneira engrandece o fenômeno pesquisado, “o fato de descrever, enquanto tal, aquilo que é, não é de modo algum uma abdicação do intelecto, mas uma simples mudança de perspectiva: trata-se de buscar a significação de um fenômeno em vez de estar focalizado sobre a descoberta das explicações causais” (MAFFESOLI, 1998, p. 119).

Neste contexto escolar, as vivências, as cotidianidades e a socialidade caminham para formar o campo de ensino-aprendizagem educacional. Como explica, Zabala (2006, p. 27) ao questionar sobre a função social do ensino e a própria finalidade que deve ter o sistema educativo conceitua que por trás de qualquer proposta metodológica esconde-se uma concepção do valor atribuído ao ensino, e por assim ser a própria ideia mais ou menos formalizada da relação dos processos de ensinar e aprender.

Tais problematizações no ambiente escolar nos impulsiona a refletir a educação no desenvolvimento da pessoa, como explica Zabala (2002, p. 21), e ainda que independente do papel profissional que desempenhará na sociedade. A generalização do processo de ensino a setores da sociedade até então deserdados de bens culturais faz com que em diferentes lugares apareçam grupos de ensino e pensadores que cada vez mais outorgam mais a importância a um ensino direcionado a preparar somente os capacitados, mas a todos (...). O conceito de “educar para vida” começa a se estender para um grande número de escolar.

A violência escolar, principalmente os vários tipos de *bullying*, são os problemas de pesquisa deste artigo, e entrelaçados com as vivências e as cotidianidades dos alunos e alunas no processo de ensino-aprendizagem agropecuário. com objetivo compreender as diversas formas de violação dos direitos humanos e *bullying* no cotidiano e na vivência escolar, e através da análise e discursão dos relatos coletados da questão aberta “Você já sofreu ou viu alguém sofrer *bullying* na escola?”, da Pesquisa sobre a “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying* no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos”, aplicado no IFMT *Campus* São Vicente, no início do período letivo de 2017/1, com os alunos e alunas do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Nível Médio.

2 Metodologia pesquisa

O aporte metodológico é o qualitativo por assim compreender como o melhor caminho para captação das essências e subjetividades para o desenvolvimento da problemática do fenômeno das vivências, cotidianidades e socialidades na perspectiva do *bullying* no ambiente escolar e o ensino-aprendizagem agropecuário. Utiliza-se como método de coleta de dados, o questionário eletrônico, tendo como foco os alunos do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFMT *Campus* São Vicente.

A pesquisa compreendeu duas etapas: a primeira com a aplicação do questionário eletrônico *in locus* com objetivo de fazer um diagnóstico geral da Violação dos Direitos Humanos e do *Bullying* no contexto escolar do IFMT *Campus* São Vicente; e a segunda através da análise e discussão, dos dados e relatos coletados através das perguntas abertas dos questionários, para compreender os fenômenos investigados, as vivências e a cotidianidades nas relações de socialidade no processo de ensino-aprendizagem agrícola no Curso Técnico em Agropecuária do *Campus* São Vicente. O presente artigo pretende focar na análise da seguinte pergunta “Você já sofreu ou viu alguém sofrer bullying na escola? Relate o ocorrido”, sendo que os resultados quantitativos do mesmo questionário publicados em outro artigo (OLIVEIRA & MOTA, 2017).

Esta investigação situa-se na Pesquisa do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso (IFMT), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e criado em 2008. Insere-se no atual desdobramento de investigação da Pesquisa do Grupo: “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying* no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos”, aprovada no Comitê de Ética de Pesquisa com pessoas sob registro: CAAE 60165016.0.0000.5165.

O universo total da Pesquisa compreende quatro Campi do IFMT: São Vicente, em Santo Antônio do Leverger-MT, com aproximadamente 450 alunos no nível médio-técnico; *Campus* Avançado de Sinop, localizado em Sinop-MT, com aproximadamente 150 alunos no nível médio-técnico; *Campus* Pontes e Lacerda, Pontes e Lacerda-MT, com aproximadamente 400 alunos; e *Campus* Bela Vista, Cuiabá-MT, com aproximadamente 400 alunos do nível médio-técnico. As escolas estaduais: Antônio Epaminondas, Cuiabá-MT, com aproximadamente 100 alunos do nível médio, Eliane Digigov Santana, Cuiabá-MT, com aproximadamente 1000 alunos entre nível médio e fundamental. E na escola particular SESI Escola, Cuiabá-MT, aproximadamente 80 alunos nível médio.

3 O desenho do *locus* da pesquisa

O IFMT *Campus* São Vicente compõe a Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), e constitui-se uma autarquia instituída pelo governo Federal através da Lei 11.892/2008, oriunda dos antigos CEFET Cuiabá, Mato Grosso e Escola Agrotécnica de Cáceres. Sendo uma instituição especializada na oferta de educação profissionalizante e tecnológica agregando também cursos nas modalidades de educação superior e básica (IFMT, 2016, p. 13).

A sede de São Vicente é um *Campus* de identidade rural, localizado as margens da BR 364, no quilômetro 329, na Serra de São Vicente, Campo Verde-MT. A rodovia é uma das mais importantes vias de escoamento da produção de grãos do Estado e um dos principais pontos de ligação entre a região Norte e Centro-oeste do país. O IFMT *Campus* São Vicente possui 5.000 hectares de área total, sendo 2.500 de proteção ambiental, e tem 30.599 m² de estrutura construída.

A instituição possui dois cursos Técnicos Integrados ao Nível Médio: Técnico em Agropecuária, na sede do *Campus*, e Técnico em Meio Ambiente, no Centre de Referência de Jaciara, e ainda conta com cinco modalidades de cursos de Nível Superior: Zootecnia, na sede, Agronomia Noturno, Agronomia Integral, e Tecnologia e Análises de Desenvolvimento de Sistemas, em Campo Verde; Licenciatura em ciências da natureza, e Licenciatura em Ensino de Ciência com habilitação em Biologia, em Jaciara.

4 Análise e discussão: sociabilidades, vivências e cotidianidades

Esta investigação utiliza como suporte metodológico a pesquisa qualitativa em educação, como foco no ensino-aprendizagem agropecuária e a análise dos fenômenos de violação dos direitos e *bullying* nas vivências e cotidianidades relatados pelos alunos e alunas do curso Técnico em agropecuária do IFMT *Campus* São Vicente. O questionário eletrônico foi o método de coleta de dados, da Pesquisa sobre a “Violação dos Direitos Humanos e *Bullying* no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos” realizada no primeiro semestre letivo de 2017/1.

Na etapa de coleta de dados, foram respondidos 150 questionários, com 19 perguntas semiestruturada, com perguntas fechadas e abertas, e foram respondidas de forma anônimas por alunos e alunas, do primeiro período e do segundo período, do Curso Técnico em Agropecuária. A pergunta aberta utilizada para análise foi “Você já sofreu ou viu alguém sofrer *bullying* na escola? Relate o ocorrido”.

Dos alunos que responderam, a questão “Você já sofreu ou viu alguém sofrer *bullying* na escola? Relate o ocorrido”, 41,99 % relataram que já sofreram ou já presenciaram alguém sofrer *bullying* no cotidiano ou na vivência escolar, 18,66 % disseram que já viram alguém sofrer algum tipo de *bullying* e 7,33 % pratica no ato do relato *bullying*, ou seja, o índice de *bullying* registrado nas vivências e cotidianidade destes alunos e alunas.

As respostas foram escritas, em sua maioria, em terceira pessoa ou refere-se a outro indivíduo. Notou-se por parte dos alunos e alunas que eles não apresentam o protagonismo na prática da violência escolar ou do *bullying* e, a maioria, apenas buscou relatar as vivências e experiências como expectadores dos fatos ocorridos, mas em alguns discursos é possível identificar, de forma objetiva nas narrativas, agressões ou prática de *bullying*. O que vai de encontro com as indagações apresentadas na determina pergunta “Você já sofreu ou viu alguém sofrer *bullying* na escola?”.

Nesta pergunta, podemos identificar, de acordo com os relatos apresentados pelos alunos e alunas, três grupos diferentes os que “já sofreram *bullying* na escola” e os que viram “alguém sofrer *bullying* na escola”. De acordo com a totalidade de respostas nota-se que apareceu outro grupo que apesar de não se fazer presente na pergunta surgiu de maneira espontânea nas respostas dos alunos e alunas. A este grupo denominou-se de “*bullying* na narrativa discursiva”.

Conforme as informações relatadas verifica-se que 18,66%, dos alunos ou alunas que responderam o questionário, fizeram algum tipo de relato afirmando que já viram “alguém sofrer *bullying* na escola”. Dentre os relatos os fatos ocorreram pelas características físicas: “já pelas características físicas”; pela “estrutura física”; “porque ele estava acima do peso”; “chamaram meu amigo de albino”; “pela menina ser muito magra”; “Nunca sofri, mas já ocorreu com alguns colegas meus pelo fato de serem mais gordos que os outros da escola”.

Outro fator que se manteve presente nos relatos foram às questões voltadas para a sexualidade como: “sim, um amigo devido a sua orientação sexual”; “minha amiga já foi muito discriminada pela sua opção sexual”; “no questionário da escola por ter só opções masculino e feminino”; “sim, um amigo meu não sabe se ele é homossexual ou heterossexual e por isso é ‘zoadado’ ficam fazendo piadinhas de mal gosto”.

Fatores que se fizeram presentes também nos relatos dos alunos e alunas foram relacionados ao racismo como em: “pela cor da pele”; “sim, ‘xingar’ a pessoa pela cor da pele”; “sim, muitas vezes eu já presenciei situações como preconceito, tanto por orientação sexual quanto discriminação racial”; “pessoas com raças e cor diferentes”.

Apareceram também relatos de alunos e alunas que presenciaram agressões físicas e verbais: “sim, na maioria das vezes fazem piadas com alguns colegas os excluem dos demais e lhe agredem fisicamente”; “já apanhou”; “já, a menina agredindo verbalmente”; “uma pessoa começou a ofender verbalmente uma outra pessoa, vendo isso eu pedi que parasse”. Em destaque para o final deste último depoimento, em que o estudante revela o protagonismo social de defesa dos direitos humanos e combate à violência.

Do grupo de alunos e alunas que “já sofreram *bullying* na escola” temos também relatos do ocorrido por causa das características físicas: “porque sou alta”; “sim, quando era mais nova sofri muito devido minha característica de ser gorda”; “já sofri quando era criança, pois quando mais jovem eu era acima do peso, e por isso fui motivo de ‘zoeira’”; “pelo porte (pequeno, magro ou gordo)”; “Eu já sofri e às vezes ainda sofro por causa do problema que eu tenho no olho”; “perna torta”; “pela minha altura”.

Outras formas relatadas neste grupo foram questões raciais, sexualidade e comportamental: “sim eu já sofri por ser lésbica”; “já sim, o fato dos mais velhos da escola quererem mandar nos novatos com piadinhas estúpidas, apelidos de mal gosto, pegar dinheiro a força”; “sim. Apelidos”; “sim colocam apelidos feio”; “sim, me ‘zoavam’ por eu ser a mais ‘inteligente’ da sala, pela minha altura, e como sempre eu não reagia eles continuavam”.

No último grupo dos alunos e alunas que usam o “*bullying* na narrativa discursiva”, ao responder o questionário, nota-se uma semelhança nos relatos apresentados acima: “sim, pelo fato do menino ser gordinho falavam que ele chera mal e etc e que parecia baleia e muitas coisas”; “sim, porque são idiotas”; “sim, por que o menino é zaroio”; “sim as pessoas que sofrem esta agressam sempre esta mais relaxadas pois viro costume sofrem ofensas sobre cor, fisionomia, escolha sexual”; “ter aparelho e testa grande”; “sim, uma menina que tinha orelhas grandes , e falavam que ela não podia ficar no vento se não ela ia sair voando”.

Dentre os grupos apresentados existem alguns relatos sobre a vivência de várias formas de *bullying* e o aluno ou aluna não ficam restritos a apenas uma, mas a várias situações: “presenciei algumas situações”; “sim, muitas vezes eu já presenciei situações como preconceito, tanto por orientação sexual quanto discriminação racial”; “sim. (Caso 1) A vítima foi apelidada contra a própria vontade. (Caso 2) Tiraram sarro de sua deficiência”; “sim. Muitas vezes em caso de apelidos maldoso, condições financeiras, fisicamente”; “sim, na maioria das vezes fazem piadas com alguns colegas os excluem dos demais e lhe agredem fisicamente”.

Conforme estas estruturas construídas a partir dos relatos dos alunos e alunas é possível notar os traços das vivências cotidianidades escolares no curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Nível Médio do IFMT *Campus* São Vicente, e “é possível que cada um, em função das situações que tenha de viver ou analisar, elabore, partindo de delineamentos propostos, sua própria construção” (MAFFESOLI, 1988, p. 16).

Como explica Maffesoli (1998, p. 14), com efeito, o paradoxo, em seu sentido mais estrito, é o próprio da vida comum. E repousa-se na empiria, esta última é estrutural e polissêmica. Não possui um sentido determinado, mas sentidos que ao mesmo tempo são postos à prova e vividos a medida que vão surgindo, como nos relatos dos alunos e alunas sobre a violação dos direitos e o *bullying* no ambiente escolar, surgem as várias formas de como estes fenômenos se apresentam: características físicas, sexualidade, racismo, agressões físicas e verbais; e a ambiguidade dos discursos, que possui características de violação dos direitos humanos, mas não se situam como protagonistas.

5 Considerações finais

Os três grupos aqui apresentados trazem a vivência e a cotidianidade dos alunos e alunas durante o percurso de realização das atividades curriculares. Mas também trazem os reflexos da cotidianidade e de vivências anteriores, sejam elas nas escolas em que estudaram, do convívio familiar ou social. Os fenômenos de violação de direitos e *bullying* externam a essência de uma sociedade desigual e que não reconhece a diversidade no ambiente escolar tornando o *bullying* uma prática recorrente e sempre presente no ambiente escolar.

Ao mesmo tempo em que se têm uma preocupação dos jovens com relação às características físicas e torna-se um dos maiores motivadores das violações de direitos e *bullying* neste ambiente. Este é o momento exato em que deve haver a reflexão sobre os fenômenos que se apresentam, e “faz-se necessário voltar - à própria coisa, reconhecer que não há um Sentido estabelecido de uma vez por todas, mas, muito pelo contrário, uma pluralidade de situações pontuais, e que podem variar de um momento ao outro” (MAFFESOLI, 1995, p. 115).

Isto também pode ser visto nas relações, que perpassam a vivência escolar e chegam à coletividade, com as diferenças e as diversidades sejam elas sociais, de raça ou de gênero como podemos notar em alguns relatos: “muitas vezes em caso de apelidos maldoso, condições financeiras, fisicamente”; “Eu já sofri por ser lésbica”; “muitas vezes eu já presenciei situações

como preconceito, tanto por orientação sexual quanto discriminação racial”; “pessoas com raças e cor diferentes, e por humilhação de orientação sexual”.

O IFMT *Campus* São Vicente, por se tratar de escola que oferece um curso na modalidade Integral, a vivência e a cotidianidade dos alunos e alunas é quase que exclusiva no ambiente escolar. Mais ou menos 200 alunos residem no internato da escola. Os outros, semi-internos, ou seja, residem aos arredores da escola como, por exemplo, na própria Vila de São Vicente, nos assentamentos aos arredores ou nas cidades de Campo Verde-MT ou Jaciara-MT.

Esta convivência de mais ou menos 10h00 diárias para os semi-internos e de 24h00 horas para os em regime de internato fazem que este ambiente torna-se palco de interações e vivências destes alunos e alunas. A instituição, a partir dos regimentos disciplinares e regimentos de moradia interna, procura impor a ordem sistemática aos alunos e alunas. Porém, a mesma não consegue ter controle de tudo que acontece, tanto pela quantidade de alunos e alunas, como pelo tamanho da estrutura da escola. E, apesar de aplicar as sanções disciplinares às infrações, ainda assim há uma recorrência nas práticas do problema do *bullying* ou da violência.

Referências Bibliográficas

ABROMAVAY, M.; RUA, M. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO-IFMT. **Projeto pedagógico curricular do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Nível Médio** (PPC). Cuiabá: IFMT, 2016. 2014.

NESELLO, F. et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 14,n. 2, p. 119-136. 2014.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e ofícios Editora, 1995.

_____. **Elogio da razão sensível**. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **O conhecimento comum**. Trad. Aluizio Ramos Trinta. São Paulo, Brasiliense, 1988.

OLIVEIRA, P.A. *et. al.* Violação dos direitos humanos e *bullying*: a sociabilidade no cotidiano escolar. In: **69 Reunião anual da SBPC 2017**, Belo Horizonte UFMG, 2017.

OLIVEIRA, P.A.; MOTA, R. M. F. *Bullying* e o Ensino Aprendizagem na Vivência e Cotidianidade das Mulheres na Educação Técnica Agropecuária. In: **Seminário Educação 2017**, Cuiabá: IE/UFMT, 2017.

RIBEIRO, L. *et al.* *Bullying* na escola: reflexões e desafios para a gestão e a coordenação pedagógica. **10º Encontro Internacional de Formação de Professores**, 11 FOPIE, 10, 2017, Aracaju. **Anais**. Aracaju: UNIT *Campus* Forolandia, 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/issue/view/11>. Acessado: 10 de ago. 2017, às 14:45.

SILVA, A. B. B. **Cartilha 2010 - Projeto Justiça nas Escolas**. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.